



Sugestão Atividade

Kamishibai

Porque há **CONTO** tantas pedras no fundo do rio?

Se juntarmos Kami (papel) a Shibai (peça) temos Kamishibai! Um teatro de papel que os japoneses criaram para contar histórias com imagens.

Na década de 1930, no Japão, as crianças e as famílias juntavam-se na rua à volta de contadores de histórias que se deslocavam, de terra em terra, com o Kamishibai montados numa bicicleta. As histórias eram contadas de graça no meio da rua. No final, vendiam-se rebuçados e doces e, assim viviam, até que, com a chegada da televisão, esta bela forma de contar histórias foi desaparecendo.

A maioria das histórias de Kamishibai consistem em 12 a 16 cartões maravilhosamente ilustrados. Continua a ser uma bonita forma, com surpresa e movimento, para contar histórias a crianças.

A nossa sugestão é que construa um Kamishibai para si ou adquira um para a sua sala (no nosso site tem a morada de loja, em Portugal, onde o pode comprar). Pode assim contar histórias de uma nova forma que as crianças adoram.

Na história “A Pedra Falante”, quando os amigos dizem que as pedras são acusadas de ter a culpa de tudo, o Alcides diz-lhes que há uma história sobre isso que a Avó Mimosa deve saber.

A história “Porque é que há tantas pedras no fundo do rio?” é baseada num conto tradicional do Chade (país africano) que as famílias costumam contar às crianças.

Na vida, desde pequenos, nem sempre se assume as consequências do que fazemos e há a tendência para passar a culpa aos outros.

A história é sobre este tema. É pequena, tem ritmo, humor e pode ser contada a crianças de Creche (2 anos), Jardim de Infância e 1º ciclo. Sugerimos que use o Kamishibai. Nós usamos um da SieteLeguas que adaptou este conto africano a este estilo de contar. Na secção do Dia Nacional do Pijama no site Mundos de Vida pode ver, em português e em inglês, a história a ser contada por duas das nossas educadoras.



COMO CONSTRUIR UM KAMISHIBAI?

Este pode ser um bonito projeto para a sua sala ou escola. Para se contar uma história com base na forma Kamishibai, precisa de duas coisas:

- (1) Pequeno teatro feito de madeira.
- (2) Conjunto de cartões ilustrados, com as cenas da história.

(1) Como fazer um teatro Kamishibai?

Não é difícil, mas como o material a usar é madeira de contraplacado ou MDF com uma espessura aproximada de 1 cm, são precisas ferramentas que normalmente não há numa escola. Por isso, o melhor é pedir a um carpinteiro ou a alguém da família de uma criança que tenha talento para a carpintaria. Há vários modelos, mas o essencial é que permita suportar as folhas A3 no encaixe e que possam deslizar para fora uma de cada vez.

Nesta ligação pode ver instruções para o construir:

<https://solsolito.net/2013/12/09/como-hacer-un-kamishibai-de-madera-casero/>

Se quiser comprar, pode fazê-lo na Salta Folhinhas (na cidade do Porto | T. 22 609 22 14) ou na Ludicenter (em Lisboa | T. 21 011 92 20).

Também pode comprar on-line na Sieteleguas (<https://sieteleguas.es/es>), escolhendo histórias com versão em português (são várias).



(2) Como criar uma história Kamishibai?

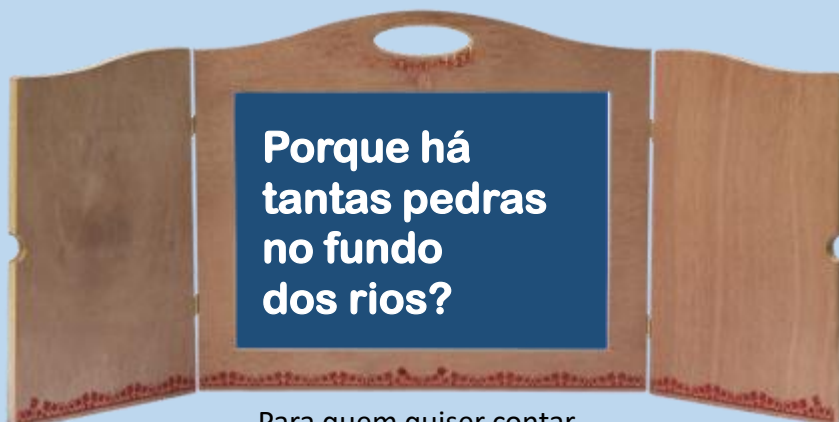
As crianças podem criar as suas próprias histórias Kamishibai. Para isso, devem pintar cada cena numa folha A3. Para ficarem mais robustas, as folhas podem ser coladas numa base de cartolina.

Quando as folhas ilustradas estiverem prontas, as crianças podem ser elas próprias a contar a história aos amigos da escola (ex: de outra sala) ou aos pais, numa ocasião especial.

Ver aqui um exemplo:

<https://vimeo.com/54985609>

Normalmente, as histórias têm 12 – 16 cartões A3 ilustrados. Na parte de trás dos cartões, está escrita a história para o contador a poder ler, enquanto desliza cada folha para fora, o que dá à história movimento que é uma das características especiais do Kamishibai que faz encantar as crianças.



Para quem quiser contar esta história ou criar as cenas Kamishibai, aqui fica uma versão do conto tradicional do Chade.



Porque há tantas pedras no fundo dos rios?

Conto tradicional africano – Chade

Esta história conta-nos porque há tantas pedras no fundo dos rios.

Dassu era um menino que vivia em África. Gostava de passear e correr no meio da savana. Um dia, o pai chamou-o e disse-lhe “Dassu, preciso que vás apanhar mais palha para cobrir a nossa cabana, as formigas fizeram um grande buraco no telhado de palha”.

Dassu ficou muito contente: “Está bem, pai!”. E saiu logo a correr descalço para procurar palha no meio dos campos da savana.

Como a erva estava muito alta, Dassu não viu uma pedra enorme e pontiaguda escondida na erva e pisou-a. Por causa disso, deu um grito tão grande, tão grande, que foi ouvido em todos os cantos da savana.

Os animais assustados começaram a correr por toda a parte. Até o elefante se assustou e também começou a correr, a correr, e não viu que à sua frente estava uma rã. O elefante com a sua pata muito grande pisou a pequenina pata da rã e ela cheia de dores saltou disparada tão alto, tão alto, que foi contra uma nuvem que passava no céu.

A nuvem sentiu uma dor tão forte, tão forte, que começou a chorar. E quando as nuvens choram, todos sabemos que começa logo a chover. E choveu tanto, tanto, que as formigas rabigas que estavam no formigueiro tiveram de fugir de casa a correr porque a água entrou para dentro e começou a inundar toda a casa.

As formigas ainda pegaram nos seus guarda-chuvas pequenos e saíram do formigueiro para o meio do campo, onde estava uma galinha com os seus pintainhos, cheios de fome, à procura de comida. A galinha levantou a cabeça, viu um carreiro de formigas, chamou os pintainhos e começaram a correr atrás das formigas rabigas. E só diziam: “corocócó, temos aqui muito boa comida”!

As formigas assustadas começaram a fugir para todos os lados. Uma das formigas para defender-se foi ter com um pintainho e picou-o no rabo. A galinha ficou furiosa, tão furiosa, que foi atrás da formiga pedir-lhe explicações: “Porque fizeste isso?”.

“Porque os seus filhos pintainhos nos queriam comer”, respondeu a formiga.

“Claro – disse a galinha – as formigas deviam estar em casa, dentro do formigueiro, e não andar por aí a correr e a abrir-nos o apetite. Cá fora, já sabem que podem ser comidas”.

“Nós estávamos sossegadas em casa quando, de repente, começou a chover tanto que inundou o formigueiro. Espera lá, galinha, é isso, foi a nuvem, a nuvem é que foi a culpada”, disse a formiga que foi logo a correr falar com a nuvem.

“Já viu, senhora nuvem, o que é que fez – disse a formiga. Eu estava tranquila dentro de minha casa com todas as minhas amigas formigas, quando a água da chuva começou a entrar no formigueiro e, por isso, tivemos de sair a correr e quase fomos comidas pela galinha.

“Eu não tive a culpa, diz a nuvem, eu estava a passar no céu muito devagar, quando, de repente, senti “pum”. Foi uma rã que veio com toda a força contra mim e fez-me doer muito...”

“Ah, então, está visto que foi a rã que teve a culpa. Um momento, disse a nuvem vou já falar com a rã. Senhora rã, veja o que a senhora provocou. Eu estava no céu, tranquila, quando veio contra mim. Com as dores comecei a chorar e a chuva provocou uma grande inundaçãõ no formigueiro”.



“Mas eu não tive culpa, disse a rã, eu estava parada, muito tranquila, quando o elefante desvairado veio a correr e pisou-me com a sua enorme pata”.

“Ah, é isso, a culpa é dele”. A rã foi, então, a correr procurá-lo para o informar: “Senhor elefante, eu estava descansada a andar pela savana, quando me pisou com a sua enorme pata. Com a dor, dei um salto tão alto que fui contra uma nuvem. Com a dor, comecei a chorar, o que fez cair muita chuva”.

“Um momento, mas porque me falas assim, diz o elefante, eu também estava muito tranquilo, na manada, junto da minha mãe, quando ouvi um grito tão forte, tão forte, que estremeceu a terra como fosse um terramoto. Eu não tive culpa, a culpa é do Dassu. Sim, é do Dassu”.

O elefante foi então falar com o menino que andava à procura de palha.

“Dassu, eu estava muito sossegado quando ouvi um barulho forte, tão forte, que pareceu um terramoto. Fiquei assustado e comecei a correr. Foi quando pisei a pata da rã que com a dor saltou disparada contra uma nuvem”.

“Um momento. Vamos lá ver, senhor elefante, eu não tive culpa, disse o Dassu, a culpa foi da pedra, sim, foi da pedra pontiaguda que estava debaixo da erva.”

Nesse momento, foram todos ter com a pedra. Dassu disse-lhe: “Senhora pedra, veja o que a senhora provocou. Eu estava muito tranquilo a apanhar palha para o teto da cabana do meu pai, quando a pisei sem a ver, pois estava no meio da erva alta. Dei um grito tão grande que assustei todos os animais da savana. Um deles, o senhor elefante, começou a correr tanto, tanto, pensando que era um terramoto, que pisou a pata de uma rã que deu um salto tão alto, tão alto, que foi contra uma nuvem que teve uma dor tão forte, tão forte que teve de chorar. Nesse momento, a chuva começou a cair tanta, tanta, que fez a água entrar pelo teto do formigueiro. As formigas para se salvarem saíram a correr para o meio do campo, quando foram avistadas por uma galinha e pelos pintainhos que foram atrás delas para as comer. Foi quando, continuou o Dassu, uma das formigas para se defender, picou num pintainho, o que fez que a galinha ficasse furiosa, muito furiosa”.

“Um momento, disse a pedra, eu estava calada e muito quieta, sem fazer nada, por isso, a culpa não pode ser minha. Foi o Dassu que, ao passar, não me viu e tropeçou. Por favor, deixem-me em paz”.

Mas como todos continuaram a olhar para ela como se a pedra fosse a única responsável por tudo o que tinha acontecido, a pedra disse-lhes “Se acham que sou a culpada, então, peguem em mim e atirem-me para a água, assim mais ninguém se pode vir a queixar de mim”.

Foi o que aconteceu, a pedra, sem ter culpa, foi atirada para o meio do rio.

Desde esse dia, quando alguém não quer assumir a culpa de alguma coisa que fez, procura uma pedra e faz o mesmo: atira-a para a água.

Este é o motivo porque o fundo dos rios está cheio de pedras!

Vitória, vitória, acabou a história!

